



**LISBOA
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT**

MESTRADO

GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO

**PERSPETIVAS DOS LICENCIADOS E MESTRANDOS EM
RELAÇÃO À INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO**

**MARIANA DOS SANTOS LEITÃO CERQUEIRA
ROVISCO**

JULHO-2014



**LISBOA
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT**

**MESTRADO EM
GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS**

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO**

**PERSPETIVAS DOS LICENCIADOS E MESTRANDOS EM
RELAÇÃO À INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO**

**MARIANA DOS SANTOS LEITÃO CERQUEIRA
ROVISCO**

ORIENTAÇÃO:

**Professor Doutor Paulo Alexandre
Guedes Lopes Henriques**

JULHO-2014

RESUMO

O objetivo deste estudo consiste em conhecer as expetativas dos diplomados em relação ao futuro no mercado de trabalho e os diferentes pensamentos entre ambos os géneros.

A amostra do estudo foi constituída por 122 alunos vinculados nos níveis de licenciatura e de mestrado, sendo que para a obtenção de dados optou-se pelo uso de questionário por administração direta.

De todos os resultados obtidos, os mais relevantes são: a maioria da amostra ingressou no ensino superior com o intuito de obter a profissão desejada e partilham a opinião de que terminar o curso oferece mais possibilidades de encontrar emprego; os indivíduos que exercem uma atividade profissional, não estão dispostos a aceitar um emprego que não lhes ofereça um salário melhor e melhores condições de natureza profissional; o grupo feminino apresenta-se mais disposto a estudar e esforçar-se do que o masculino, de modo a obter melhores condições de trabalho; o grupo masculino por outro lado demonstra-se mais preocupado em obter uma remuneração elevada.

Os jovens diplomados possuem uma visão negativa do seu futuro profissional tendo em conta as poucas oportunidades de emprego e a precariedade existente. Os mesmos demonstram vontade de dar continuação aos seus estudos com o intuito de obterem mais oportunidades de emprego e melhores condições profissionais.

Palavras-chave: Género, Mercado de trabalho, Diplomados, Expetativas de emprego

ABSTRACT

The aim of this study is to understand the expectations of graduates in their future in the labor market and the differences expectations between both genders. The study sample consisted in 122 students from Undergraduate and Master levels, and for obtaining the study sample it was used a questionnaire by direct questions. Of all the results, the most relevant are: the majority of the sample enrolled in higher education in order to obtain the desired profession and both genders share the opinion that completion of the course offers more possibilities in finding a job; students that are already engaged in professional activities, are not willing to accept a job that does not offer them better income and better professional conditions; the female group appears more willing to study and to endeavor than the male group, in order to obtain better working conditions; On the other side, the male group shows more interest in getting a higher salary.

Young graduates have a negative view of their professional future because of the limited employment opportunities and the existing precariousness. They will demonstrate the continuation of their studies in order to obtain better job opportunities and professional conditions.

Key words: Gender, Labor market, Graduates, Employment expectations

ÍNDICE

	Página
Resumo	IV
Abstract	V
Índice de tabelas	VII
Capítulo 1: Introdução	1
Capítulo 2: Revisão Bibliográfica	
2.1. Do Ensino Superior para o Mercado de Trabalho	3
2.2. A Feminização do Ensino Superior	5
2.3. A Inserção das Mulheres no Mercado de Trabalho	7
2.4. Expansão do Ensino Superior até à atualidade	10
2.5. Desemprego dos Jovens Diplomados	11
Capítulo 3: Metodologia	15
Capítulo 4: Apresentação dos Resultados	17
Capítulo 5: Discussão dos Resultados	25
Capítulo 6: Conclusão	29
Referências Bibliográficas	33
Anexos	
Questionário	38
Tabelas de análise dos dados	44

ÍNDICE DE TABELAS

	Página
<i>Tabela 1</i> – Taxa de feminidade, segundo o nível de ensino superior, por ano letivo (%)	9
<i>Tabela 2</i> – Evolução do número de diplomados	13
<i>Tabela 3</i> – Desemprego dos licenciados inscritos nos centros de desemprego	13
<i>Tabela 4</i> – Taxa de desemprego da população portuguesa em comparação com a UE-27	14
<i>Tabela 5</i> – Taxa de desemprego dos diplomados (20-29 anos)	15
<i>Tabela 6</i> – Dados demográficos	19
<i>Tabela 7</i> – Informação sobre razões de ingresso no ensino superior, atividades extra curriculares, fim do curso e emprego atual por género	23
<i>Tabela 8</i> – Situação profissional	24
<i>Tabela 9</i> – Atividade profissional	24
<i>Tabela 10</i> – Informação sobre estudantes e trabalhadores estudantes por género	25
<i>Tabela 11</i> – Informação sobre trabalhadores estudantes por género	26

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

O emprego tradicional para a toda a vida acabou e nos dias de hoje, mais do que nunca, vivemos numa era de insegurança laboral.

De modo a fazer face às contínuas transformações que decorrem no mercado global, as empresas procuram adaptar-se às variações de oferta e procura, como resultado, surgiu a criação de sistemas de emprego mais flexíveis.

Tem-se vindo a observar a emergência de muitas formas de trabalho e normalmente são denominadas de precárias. São tipos de trabalhado que se diferenciam quer pelo salário, pelos benefícios – ou ausência dos mesmos – quer pelo seu período temporal, sendo que esta situação leva ao surgimento da precariedade.

Assistiu-se a um aumento das qualificações da população mas ao mesmo tempo os diplomados sentem-se inseguros e a precariedade intensifica esse sentimento. A precariedade está associada a vínculos contratuais flexíveis, desperta problemas relativamente a questões como satisfação, motivação e falta de perspetivas profissionais.

Com a elaboração deste trabalho pretendemos compreender quais são as expetativas dos diplomados em relação ao futuro profissional. Por outras palavras, pretendemos perceber como os diplomados planeiam agir perante a atual insegurança no mercado de trabalho e a precariedade existente. Para que tal objetivo seja cumprido, pensamos que seria pertinente compreender o modo como os diplomados vivenciam esta situação, compreender a sua maneira de pensar com uma comparação entre géneros. Perceber se existe diferenças no pensamento entre o homem e a mulher, nos dias de hoje, em relação ao mercado de trabalho. Para tal iremos proceder à realização de questionários a estudantes de licenciaturas e de mestrados em qualquer área de estudo de modo a obter uma ideia geral que compreenda realidades diferentes.

Os diplomados, sujeitos a um mercado laboral em constante transformação, chegam ao fim do sistema de ensino, possuidores de habilitações académicas provavelmente muito superiores às gerações anteriores, no entanto ‘lutam’ contra inúmeras contrariedades na sua inserção profissional, onde existe trabalhos desqualificados, mal remunerados, entre outros. E o mesmo se verifica para as pessoas que já possuem

emprego e lidam com uma constante insegurança no trabalho, regressando ao ensino superior de modo a adquirirem novos conhecimentos.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: um primeiro capítulo que abordará vários temas como “do ensino superior para o mercado de trabalho”, “a feminização do ensino superior”, “a inserção das mulheres no mercado de trabalho”, “expansão do ensino superior até à atualidade” e por último o “desemprego dos jovens diplomados”. O segundo capítulo será a apresentação das metodologias de pesquisa, e os últimos capítulos, serão relativos à análise dos resultados, discussão dos mesmos e por último as conclusões finais.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Do Ensino Superior para o Mercado de Trabalho

O universo do mercado de trabalho, encontra-se cada vez mais complexo e em constante mudança, composto por ambientes organizacionais instáveis e mutáveis, o que leva a novos desafios, de forma a realizar a transição efetiva dos indivíduos com formação acadêmica superior para o mundo do trabalho. Rose (1998) menciona a transição ou a inserção profissional como um conceito multidimensional e sistêmico, vê a entrada na vida profissional como um acontecimento socialmente organizado e estruturado, onde participam diversos agentes – Estado e empregados – e não apenas os jovens estudantes.

Nas últimas duas décadas a passagem do ensino superior para atividade profissional passou a ser cada vez mais assinalada pela precariedade, descontinuidade e rupturas entre áreas de qualificação escolar e domínios profissionais, bem como uma enorme heterogeneidade e percursos de inserção (Dubar, C. e Demaziere, 1997) o que obriga os trabalhadores a enfrentarem constantemente o risco e a insegurança dos empregos.

As exigências da globalização e a competitividade das economias desencadearam o emprego escasso e de menor qualidade o qual se anuncia como um problema social grave. Estas mudanças estruturais que ocorrem ao nível mundial têm como consequência novas configurações do trabalho que demonstram-se como incertas, o que dificulta muito a definição de projetos pessoais de vida. O desemprego e a precariedade são, neste contexto, dois atributos fundamentais que definem a condição laboral de uma parte importante dos jovens. Sendo os jovens os mais prejudicados, “a camada jovem salta hoje para a ribalta das preocupações sociais” (Carvalho, 2012:3).

Os jovens da atualidade já não partilham ideias de um emprego para toda a vida numa organização ou de uma progressão linear pela hierarquia organizacional (Teichler, 1999). Ter uma ocupação remunerada e a sua inexistência são aspetos que sobressaem no pensamento dos jovens. Nas sociedades contemporâneas, a passagem para a vida adulta permanece fortemente associada à conquista de independência financeira, estando esta, em geral, dependente da inserção no mercado de trabalho. Os jovens de hoje iniciam uma viagem profissional, certamente incerta e imprevisível, com altos

baixos, com reformulações ao longo da vida, sendo que para Azevedo (1999:9), “constitui um desafio de contornos novos para os adolescentes e jovens”. Por outro lado, também temos aqueles jovens que optam por prosseguir a vida do ensino superior, estes para além de ponderarem a sua opção vocacional, partem com a certeza de que esse grau não lhes garantirá por si só a inserção no mundo do trabalho (Moreira, 1994).

O desemprego jovem é sinal de uma sociedade em constante mudança de padrão, especialmente a experiência de longos períodos de desemprego e inatividade por parte dos jovens detentores de uma formação superior (Marques, 2007 e 2009).

Os jovens tendem a fazer uma distinção dos trabalhos que permanecem relativamente acessíveis embora ofereçam apenas uma inserção precária (ex.: estágios), e os empregos desejados mas difíceis de aceder, que acarretam condições satisfatórias e perspectivas de futuro. Os primeiros permitem aos jovens algum grau de experiência profissional e um estatuto semi-independente, apenas os segundos são conceituados como seguros para um futuro estável (Guerreiro et al, 2007).

Com os níveis de desemprego dos indivíduos diplomados, os jovens muitas vezes concluem a formação no ensino superior e a sua primeira ocupação caracteriza-se na maioria das vezes por vínculos precários e condições de trabalho modestas, os estágios (Guerreiro et al, 2007). Os estágios são cada vez mais considerados uma experiência prática enriquecedora, complementar à formação académica e uma janela de acesso para o mercado de trabalho. Esta experiência de trabalho precário por vezes permite de fato, começar a elaborar um currículo, o qual vai funcionar como recurso de valorização a uma integração progressiva no mercado trabalho, levando posteriormente à conquista de empregos efetivos com melhores condições – o que na verdade se aproxima mais às expectativas dos jovens com formação académica superior. No entanto, nem sempre esta experiência acontece com todos os jovens. Existem também aqueles que realizaram um estágio mas este foi apenas a primeira experiência profissional de uma série de ocupações precárias e temporárias que desempenharam, com poucas condições presentes e perspectivas de futuro. Vários estudos têm referido que a mobilidade, entre os jovens, tende a estabelecer-se mesmo como um dos valores desejados em termos profissionais, pois oferece aos jovens uma liberdade e diversidade de experiências (Kugelberg, 1998).

No passado, um diploma de ensino superior era visto como um ‘passaporte’ para o mundo profissional, o mesmo não tem vindo acontecer nos anos mais recentes. A massificação do ensino superior passou a transmitir a imagem de que o respetivo diploma já não é mais um meio que os indivíduos mobilizam no acesso ao emprego (Alves, 2009). Segundo Carvalho (2012), o critério de ‘qualificação’ representava de modo inclusivo a estreita relação entre a formação ou o diploma obtido e a profissão ou emprego que se realizava nos tempos passados.

Quando os jovens falam sobre as suas expetativas em relação ao futuro profissional, um primeiro traço que sobressai de imediato nos seus discursos é um pessimismo generalizado em relação às oportunidades no mercado de trabalho. O contexto atual faz com que os jovens se sintam preocupados e insatisfeitos com a crescente dificuldade em encontrar um emprego. Segundo Guerreiro et al (2007:74), “esta tendência é estruturante das sociedades contemporâneas e deve, assim, manter-se ou até acentuar-se num futuro próximo”.

Numa perspetiva das empresas, de modo a se manterem ou se tornarem competitivas, num mercado globalizado, tendem a responder às fortes exigências de adaptação às mudanças através da flexibilização das suas estruturas o que leva à criação de laços contratuais mais frágeis com os trabalhadores (Vieira et al, 2006).

A questão já não é apenas como obter um primeiro emprego após o fim do ensino superior, mas também como manter esse mesmo emprego, ou se é necessário inserir-se novamente de forma profissional, e se assim for, “qual é o papel dos diplomas de mestrado e de doutoramento oferecidos pelo ensino superior?” (Alves, 2009:108).

É importante também referir as mulheres neste universo universitário e do mercado de trabalho. Estas ao longo do tempo têm sofrido algumas transformações a nível social. No ponto seguinte irá ser abordado o crescimento progressivo das mulheres no ensino superior.

2.2. A Feminização do Ensino Superior

A menor representatividade das mulheres no mercado de trabalho tende a destacar-se mais quando se observa o número de mulheres com ensino superior que se encontram inseridas no mercado de trabalho, o que acaba por referir a problemática da igualdade de género. A discriminação por género no mercado de trabalho e as disparidades

salariais entre homens e mulheres são em complemento outra dimensão a ser considerada na problemática em análise.

As últimas décadas têm sido assinaladas por transformações radicais dos papéis de género. Como exemplo disso temos a generalização do trabalho feminino e a atual superioridade das mulheres no acesso ao ensino superior. A expansão do número de alunos com ensino superior correspondeu à alteração de perfil social em termos da presença de cada um dos grupos sexuais, “essencialmente devido ao aumento massivo do acesso por parte da população feminina” (Alves, 2003:62).

Nos dias de hoje, homens e mulheres tendem a continuar a assumir diferentes posições no mercado de trabalho, até mesmo nos países mais desenvolvidos. Por outras palavras, “em quase todos os países, as mulheres têm mais probabilidade do que os homens de participar em atividades de baixa produtividade” (Baltazar et al, 2012:7).

Também é importante referir as normas sociais, estas tendem a tornar-se especialmente lentas no que respeita à mudança, podem ter servido uma finalidade num dado momento, mas podem já não o ser e continuar simplesmente devido ao hábito das pessoas ou porque receiam uma eventual punição. Consoante Baltazar et al. (2012) a persistência da norma pode manter as desigualdades de género muito depois do seu ‘fundamento original’ ter desaparecido.

Ao longo de todo o século XX, com uma maior ênfase na segunda metade, o ensino superior registou uma expansão significativa, tanto em número de alunos como também ao nível de crescimento e diversificação dos estabelecimentos de ensino (Alves, 2003).

No que se refere aos indivíduos que frequentam o ensino superior, os últimos 50 anos ficou evidente que ficaram marcados por grandes alterações quantitativas e qualitativas, por outras palavras, constatou-se um crescimento da cama estudantil do ensino superior (Alves, 2003). O crescimento da população feminina no ensino superior foi particularmente acentuada ao longo da década de 60 – as mulheres passaram de 29,4% dos alunos em 1960/61 para 44,9% em 1980/81). No início da década de 90, as mulheres passaram a ser mais numerosas do que o sexo masculino na totalidade de alunos no ensino superior (55,5% em 1990/91) e em 1996/1997 atingiram um valor de 57,3%, ficando o sexo masculino em minoria. Sendo que a

percentagem de mulheres inscritas foi sempre mais de metade do conjunto dos diplomados a partir de 1990/91 (Tabela 1).

Em muitos outros países tem-se vindo a averiguar esta mesma tendência no sentido de uma feminização da população estudante, sendo que a dimensão dos novos alunos inscritos do sexo feminino é normalmente superior à dos novos inscritos do sexo masculino (OCDE, 1993).

Além do crescimento feminino no ensino superior também se assiste à mesma tendência em relação à inserção no mercado de trabalho das mesmas.

Tabela 1: Taxa de feminidade, segundo o nível de Ensino Superior, por ano letivo (%)

Ano	Homens	Mulheres
1960/61	70.6%	29.4%
1980/81	55.1%	44.9%
1990/91	44.5%	55.5%
1996/97	42.7%	57.3%
1999/00	43.5%	56.5%
2001/02	43.0%	57.0%
2003/04	43.9%	56.1%
2005/06	44.8%	55.2%
2007/08	46.5%	53.5%
2009/10	46.7%	53.3%
2010/11	46.6%	53.4%
2011/12	46.5%	53.5%

Fonte: 1960/61 e 1980/81: Estatística da Educação (Instituto Nacional de Estatística e Ministério da Educação). Dados referentes 1995/96 a 2011/12: Inquérito ao Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior, DGEEC/MEC, 20 Dezembro de 2013 (retirado do Direção-Geral de Estatística da Educação e Ciências).

2.3. A Inserção das Mulheres no Mercado de Trabalho

A problemática da formação académica e a inserção no mercado de trabalho dos indivíduos com ensino superior deve, ser de igual modo, analisada numa perspetiva de género. Consoante Ferreira (2003) as relações sexuais estão no começo dos fenómenos de desigualdade e risco de discriminação das mulheres em varias esferas da vida, entre as quais se insere o mercado de trabalho.

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi sinalizada por um período de tempo no qual as mulheres tiveram que enfrentar preconceitos, dificuldades e

discriminações, sendo que as mulheres lutam até hoje por direitos iguais. A história sempre mencionou o sexo feminino como sendo um ser frágil, digna de pena e proteção.

A seguir a um período em que as mulheres se dedicavam basicamente às tarefas domésticas, as últimas décadas têm vindo a ser assinaladas pela entrada, em grande escala, do sexo feminino no mercado de trabalho. Diversos problemas foram enfrentados e atualmente, outros continuam a ser enfrentados pelas mulheres. Exemplo disso temos os salários inferiores aos dos homens pelo mesmo trabalho, poucas oportunidades de qualificar-se profissionalmente, entre outros (Gomes, 2005). Deste modo, as mulheres por se sentirem tratadas de maneira diferente dos homens, começaram a lutar pela igualdade entre os sexos com o objetivo de obterem os mesmos direitos dos homens ao longo do tempo.

A participação da mulher no mercado de trabalho teve início com a I e II Guerra Mundial devido à ausência dos homens. Estes iam para a guerra e as suas esposas assumiam os negócios da família, de modo consequente, a posição dos seus maridos no mercado. Foi na década de 60 que podemos constatar o início da manifestação, o que mais tarde foi “fortemente impulsionado pela erupção de valores igualitários e emancipatórios associados à revolução de Abril de 1974 (Silva, 1983; Ferreira, 1999). As mulheres começaram assim, aos poucos a inserir-se no mercado laboral, onde conseguiram alguns apoios e receberem incentivos, conquistando assim uma posição no mercado de trabalho.

No seu seguimento, nos anos 80, as mulheres começaram a obter melhores empregos e a terem acesso a profissões com nível superior. Sendo a escolaridade da mulher outro aspeto importante. A escolaridade consiste noutra explicação para o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, pois as mulheres já estudam como os homens, e consequentemente estarão melhor preparadas educacionalmente do que os homens (Assis, 2009) em relação ao antigamente em que estas não possuíam estudos. Importa também sublinhar que os rendimentos do trabalho das mulheres, não só lhes proporcionam uma maior autonomia mas constituem também um contributo importante para o aumento dos rendimentos familiares, por outras palavras, para uma melhoria do nível de vida da família (Oppenheimer, 1997). Isto posto, os homens tornaram-se em parte, dependentes dos salários obtidos pelas mulheres, aumentando assim em conjunto o nível de vida. É importante ainda referir que as mulheres têm

que enfrentar jornadas duplas sendo preciso tempo depois do trabalho para se dedicarem às suas casas, filhos, entre outros. Por outro lado, os homens começaram ajudar na lida da casa tendo em conta que as mulheres também já trabalham.

Nos dias de hoje, as mulheres enfrentam as mesmas situações que os homens, sendo tão competentes quanto eles. No entanto, em relação a outros aspectos, infelizmente ainda existem comparações entre os géneros, sendo que estas comparações criam impacto em diferenças de cargos e salários. Não existem dúvidas que o maior desafio feminino tem sido a conquista pela igualdade salarial. Outro tipo de discriminação é sem dúvida as funções assumidas pelas mulheres. De acordo com Assis (2009) é espantoso quando entramos numa empresa e verificamos que a maior parte dos colaboradores são mulheres e mais surpreendente é o fato destas ocuparem a menor parte de cargos de chefias. Sendo também difícil para as mulheres traçar uma carreira.

Segundo Esping-Anderson (2002), os regimes familialistas por norma estão associados a baixos níveis de participação feminina no mercado de trabalho ou à participação com níveis de remuneração baixos. O familialismo das mulheres (Lewis, 1992) é ainda, em determinados países – como em Portugal – associado a elevados níveis de desemprego feminino.

Em consequência de constrangimentos económicos e a características culturais, Portugal possui uma enorme tradição de trabalho feminino, sendo considerado um dos países da União Europeia em que as mulheres trabalham mais horas (Guerreiro e Romão, 1995; Torres e Silva, 1998). Nos países do Norte da Europa, as mulheres com filhos pequenos, não trabalham a tempo inteiro, ao contrário do acontece com as mulheres portuguesas.

O mercado de trabalho não consiste numa realidade imune às desigualdades sociais, bem pelo contrário, nele se refletem e nele se produzem as desigualdades mais diversas. No início do século XX, ao grupo feminino não era reconhecido o direito ao trabalho tão pouco aos salários sendo estes inferiores ao dos homens (Nascimento, 2008). Sendo que o maior desafio para as mulheres ao longo da sua inserção, foi a conquista pela igualdade salarial.

Consoante os dados mencionados no Relatório sobre Desenvolvimento Mundial de 2012, “as mulheres agora representam 40% da mão-de-obra global, 43% da força de trabalho e mais de metade dos estudantes universitários do mundo” (Banco Mundial,

2011:3). Na atualidade em Portugal, a taxa de emprego feminino é das mais altas da UE dos 27 – 61,6% - contra uma média comunitária de 58,6% em 2009¹.

No ponto a seguir vai ser debatido o crescimento do ensino superior no geral até aos dias de hoje. É importante perceber as transformações ocorridas que levaram ao crescimento do número de alunos no ensino superior.

2.4. Expansão do Ensino Superior até à atualidade

O ensino superior teve origem à oito séculos atrás, quando por toda a Europa observou-se a criação de estudos gerais e de universidades por decisão de poderes régios e eclesiásticos (Alves, 2003). A universidade é vista como uma organização corporativa de mestres e alunos com personalidade jurídica, a qual hoje em dia abrange o termo estudos gerais que é percebido como local da escola onde se encontravam os professores e os alunos, uns lecionam e outros recebem ensino, respectivamente (Carvalho, 1986). Ao longo dos anos as universidades foram assumindo progressivamente um lugar fulcral nas sociedades modernas e por sua vez, isso levou a uma crescente procura do ensino superior.

O ensino superior português viveu nas últimas décadas um período de acentuado crescimento. Este crescimento foi quantitativo, ou seja, do número de alunos, do número de professores e do número de instituições do ensino superior. E também qualitativo com a dimensão de doutorados a aumentar muito no sistema universitário tal como a proporção de estudantes de pós-graduações.

Entre 1975 e 2001, Portugal foi o país da União Europeia que registou a maior taxa de crescimento do número de alunos no ensino superior². Em 1980/81 o número de estudantes do ensino superior não chegava aos cem mil. Nos anos a seguir à revolução o número de alunos cresceu a um ritmo relativamente lento, mas a partir de 1990/91 o crescimento acelerou, o sistema já tinha 156 878 alunos, continuando a crescer fortemente até 2001 (Tabela 2).

¹ Eurostat, 2010.

² Ver relatório da OCDE - Reviews Of National Policies For Education.

Tabela 2: Evolução do nº de diplomados

Ano	Número de Alunos	Ano	Número de Alunos
1960/61	23 877	2000/01	387 703
1970/71	49 461	2001/02	396 601
1980/81	84 173	2002/03	400 831
1990/91	156 878	2003/04	395 063
1992/93	247 523	2004/05	380 937
1994/95	300 573	2005/06	367 312
1996/97	350 850	2006/07	366 729
1997/98	340 328	2007/08	376 917
1998/99	346 034	2008/09	373 002
1999/00	373 745	2009/10	383 627
		2010/11	396 268
		2011/12	390 273

Fonte: De 1960/61 a 1999/00: Estatística da Educação (Ministério da Educação). Dados referentes a 2000/01 a 2011/12: Inquérito ao Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior, DGEEC/MEC, 20 de Dezembro 2013 (retirado do Direção-Geral de Estatística da Educação e Ciências).

Nota: De 1960/61 a 1999/00 adaptado de Alves, 2003.

2.5. Desemprego dos Jovens Diplomados e Feminino

Desempregados são “pessoas sem trabalho, disponíveis para trabalhar e ativamente à procura de trabalho” (Bogalho, 2008:83). O forte agravamento da crise económica e financeira de Portugal, a partir de 2008, num quadro marcado pela instabilidade e incerteza, acentuou-se a tendência da crise de emprego, que já perdura desde 2000. Ao longo da última década o desemprego tem vindo a aumentar e tudo aponta que esta tendência tende a manter-se no futuro.

Tabela 3: Desempregados licenciados inscritos nos centros de desemprego

Ano	1997	1999	2000	2005	2008	2009	2010	2011	2012
Superior	23 400	19 600	20 700	37 800	37 600	42 200	47 700	52 300	69 200

Fonte: IEF, IP/MTSS

Nota: Adaptado de Cruz Vilas, 2013.

O desemprego expressa uma realidade concreta presente nos dias de hoje em Portugal e é cada vez mais assustador, principalmente quando afeta a população que investiu anos da sua vida em formação superior. O desemprego dos indivíduos diplomados tem vindo a aumentar no decorrer dos anos, progride de 23 400 em 1997 para 37 600

em 2005, em 2011 atinge 52 300 e em 2012 atinge 69 200 indivíduos (Tabela 3). No 3.º trimestre de 2013, a taxa de desemprego de indivíduos com nível de escolaridade completo correspondente ao ensino superior foi de 13,2%, sendo que o número de desempregados jovens representava 17,5% do total da população desempregada³.

Segundo o Projeto de Relatório Conjunto Sobre o Emprego quando a crise se instalou, o desemprego masculino aumentou agilmente mais do que o feminino, sendo que as áreas mais afetadas foram onde o sexo masculino predominava (Comissão Europeia, 2013). Mas nos dias de hoje, as mulheres com formação superior registam taxas de desemprego mais elevadas do que os homens diplomados, segundo os dados do INE, no 3.º trimestre de 2013, a taxa de desemprego foi de 15,6% sendo que a “taxa de desemprego dos homens (15,3%), no trimestre em análise, foi inferior à das mulheres (15,9 %)”⁴.

Há várias décadas que os países da Europa se vêm confrontados com o desemprego de uma parte dos jovens com escolaridade e mesmo os que frequentaram o ensino superior. O Projeto de Relatório Sobre o Emprego alega que entre 2008 e o segundo trimestre de 2013, a taxa de desemprego na União Europeia dos 25 subiu de 7,1% para 10,9% (Comissão Europeia, 2013).

Através da análise da Tabela 4, relacionada com a taxa de desemprego da população portuguesa em relação à média dos 27 países que compõem a União Europeia, é possível concluir que o desemprego veio a aumentar de uma forma arrebatadora ao longo dos anos (2001-2011). No ano 2006, Portugal teve uma taxa de desemprego superior à média da UE-27 e tem vindo a ser superior nos últimos anos, sendo que em Abril de 2011 atingiu 12,9%, atingindo 3,2 pontos percentuais a mais que a média da UE-27. Segundo o Projeto de Relatório Conjunto Sobre o Emprego o desemprego parou de aumentar em meados de 2013 sendo que a taxa de desemprego tem-se mantido estável (Comissão Europeia, 2013).

Tabela 4: Taxa de desemprego da população portuguesa em comparação com a UE-27

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Portugal	4,6	5,7	7,1	7,5	8,6	8,6	8,9	8,5	10,6	12,0	12,9
UE	8,6	8,9	9,1	9,3	9,0	8,3	7,2	7,1	9,0	9,7	9,7

Fonte: Eurostat

³ INE (2013) – Estatísticas do Emprego 3º Trimestre.

⁴ INE (2013) – Estatísticas do Emprego 3º Trimestre.

Na tabela 5 observamos as taxas de desemprego dos diplomados em Portugal e a taxa média de desemprego dos diplomados dos 27 países da União Europeia, podemos concluir que as duas seguiram uma tendência positiva nas duas classes etárias (20-24 anos; 25-29 anos), especialmente após a crise económica mundial que teve início em 2008. É possível concluir também que a taxa de desemprego dos diplomados em Portugal é sempre bastante superior à média dos 27 países da União Europeia.

Tabela 5: Taxa de desemprego dos diplomados (20-29 anos)

Grupo etário				
Anos	20-24		25-39	
	UE-27	Portugal	UE-27	Portugal
2003	17.5	11.7	9.0	7.0
2004	18.9	12.4	9.1	6.5
2005	17.6	14.8	8.8	8.2
2006	15.9	14.1	8.0	8.0
2007	13.9	14.8	7.0	8.9
2008	13.9	14.8	7.0	8.1
2009	18.3	18.5	9.2	10.2
2010	19.2	20.0	10.1	11.9
2011	19.6	26.0	10.2	13.0
2012	21.2	34.0	11.2	16.5

Fonte: Eurostat

Conforme Alves (2004:231), existe uma tendência comum no sentido de as mulheres serem “protagonistas de percursos” nos quais as dificuldades de acesso ao emprego e de estabilidade no mercado de trabalho são mais salientes do que no caso dos homens. Do mesmo modo, as mulheres com qualificação superior registam taxas de desemprego mais elevadas do que os homens diplomados, sendo que no ano de 2012, as mulheres desempregadas com habilitação superior atingiram os 67,4% e os homens 32.6%. No mesmo ano, 19,4% dos desempregados com habilitação superior procuravam pelo primeiro emprego sendo que 31,2% eram homens e 68,8% eram mulheres⁵.

Em síntese, é possível ver através dos elementos apresentados anteriormente que os jovens, nos últimos anos, têm optado por continuar os estudos após o primeiro nível de ensino superior, sendo cada vez mais habitual que os percursos dos jovens após as licenciaturas sigam os níveis seguintes do ensino superior (sobretudo mestrado e

⁵ DGEEC (2013)

doutoramento). Com o aumento dos estudos, os indivíduos conseguem encontrar empregos com mais facilidade. No ano 2012, os desempregados registados com habilitação superior (idades compreendidas entre 25-34), 86.2% tinham Licenciatura, 12% com Mestrado e 0.1% tinham Doutoramento⁶.

Na seção seguinte vamos debater empiricamente as referencias realizadas nesta seção. Para tal utilizaremos uma metodologia de amostragem quantitativa baseada em questionário.

⁶ DGEEC (2013)

Capítulo 3

METODOLOGIA

A intenção deste trabalho de investigação, como foi referido anteriormente, é compreender o modo como os jovens diplomados percebem o seu futuro.

Marconi e Lakatos (2002) definem os tipos de amostragem em probabilísticas e não-probabilísticas. A probabilística é caracterizada pela probabilidade aleatória de cada elemento da população pode ser selecionado e a não-probabilística não faz o uso de formas aleatórias de seleção, depende em parte do julgamento de quem está a pesquisar.

Tendo em conta que a população deste estudo é constituída por alunos que frequentam licenciaturas e mestrados, o método de amostragem selecionado foi o não probabilístico na medida em que inclui métodos que envolvem juízos de valor de quem seleciona (Barañano, 2004). A amostra não-probabilística é uma opção para alguns estudos devido à sua simplicidade ou por vezes porque não é possível ter uma amostra definida para se obterem amostras probabilísticas. Ao ser um estudo exploratório não existe a necessidade de uma amostra ‘precisa’ e também não se pretende generalizar os dados obtidos para a população. O estudo exploratório geralmente é utilizado com amostras pequenas e permite ao indivíduo definir o seu problema e formular as suas hipóteses com mais rigor (Theodorson et al., 1970).

Entre os tipos de amostragem não-probabilísticas, Mattar (2001) descreve as amostras por conveniência como utilizadas para testar ideias sobre um determinado assunto de interesse. Sendo que, para o efeito, foi utilizada uma amostragem por conveniência acabando por não ser representativo da população. Para a obtenção da amostra para o estudo, vários alunos (licenciados/mestrados) foram abordados de modo a que estes fossem solicitados a responderem aos questionários. A amostra é constituída aleatoriamente por um conjunto de alunos que demonstraram disponibilidade para responder as questões do mesmo.

Para Lakatos e Marconi (2001), a recolha de dados é utilizada para adquirir informações e conhecimentos sobre uma situação, procurando respostas a um problema, comprovar uma ou mais hipóteses ou até mesmo encontrar novas situações.

Gil (2002) afirma que a recolha de dados pode ser efetuada sob três formas: questionário, entrevista e formulário.

Tendo em conta que o objetivo primordial deste estudo é dar a conhecer a percepção que os jovens têm em relação à inserção no mercado de trabalho, foi utilizada uma abordagem quantitativa, através de uma observação indireta sendo o instrumento de observação o questionário (Quivy et al., 1992).

O questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” (Gil, 1999:128).

Considere-se que, mesmo com restrições a nível de tempo, esta é uma técnica bastante útil na medida em que irá permitir uma obtenção rápida de respostas, o que possibilita a gestão do tempo de preenchimento, o medo e o embaraço são evitados, há a possibilidade de incluir um maior número de assuntos entre outros.

O questionário realizado no presente estudo foi constituído por 36 perguntas fechadas ordenadas de uma determinada ordem de resposta. Em cada pergunta foi oferecida uma lista de respostas possíveis de entre as quais deverão indicar a (as) que melhor corresponde(em) à resposta que quer dar. O conteúdo das perguntas tem como objetivo perceber o comportamento presente e/ou passado dos alunos de modo a se perceber as suas expectativas em relação ao seu futuro no mercado de trabalho.

A aplicação dos questionários foi por administração direta contando aqui com a colaboração dos alunos. Estando presente de modo a auxiliar os inquiridos numa possível dificuldade de compreensão durante o questionário. A aplicação ocorreu de 15 de Março a 28 de Março de 2014.

O tratamento estatístico dos dados foi executado em PC, com o programa Microsoft Excel e foi orientado através da estatística descritiva por meio de tabelas (frequências absolutas e frequências relativas) e gráficos adequados a cada uma das situações.

Capítulo 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tabela 6: Dados demográficos

		Nº de alunos	%
Sexo	Masculino	53	43%
	Feminino	69	57%
Idade	[18 : 24]	102	84%
	[25 : 35]	20	16%
Nível de ensino superior	Licenciatura	70	57%
	Mestrado	52	43%
Instituto superior	Instituto Superior de Economia e Gestão	57	47%
	Universidade Lusíada Lisboa	60	49%
	Outras	5	4%
Curso frequentado	Economia	18	15%
	Gestão	14	11%
Agregado familiar	[1 : 4]	111	91%
	[5 : 7]	11	9%
Área de residência	Lisboa	68	56%
	Outras	54	44%
Modo de deslocação para a universidade	Transportes públicos	65	50%
	Viatura própria	54	41%
	Outra	12	9%
Habilitações	12º ano	114	93%
	12º ano via profissional e curso de ensino técnico profissional	8	7%
Este curso foi a primeira opção?	Sim	90	74%
	Não	32	26%

Nota: Dados completos no Anexo 1

A amostra da presente pesquisa foi constituída maioritariamente por indivíduos do grupo feminino com uma percentagem de 57%, sendo que o restante corresponde ao sexo masculino (43%). De toda a amostra, a média de idades dos inquiridos foi de 22 anos, sendo que 84% tinham idades a variar entre os 18 e os 24 anos. Em relação ao número de agregado familiar, 91% dos inquiridos têm de 1 a 4 elementos no seu agregado familiar.

Como se pode ver pela tabela acima, a maioria dos inquiridos pertencem ao Instituto Superior de Economia e Gestão (47%) e à Universidade Lusíada de Lisboa (49%). Os cursos maioritários desta pesquisa foram o curso de Economia (15%) e o curso de Gestão (11%).

No conjunto total das repostas obtidas, 56% dos inquiridos têm como área de residência Lisboa e 44% correspondem a zonas na periferia de Lisboa. Sabendo a localidade em que vivem, metade dos diplomados deslocam-se até à universidade de

transportes públicos (50%) e são 41% os que vão de viatura própria. Este último valor remeto-nos a pensar que alguns destes indivíduos possuem riqueza pessoal.

Através da tabela anterior podemos ver que maioritariamente (93%) o acesso ao ensino superior pelos inquiridos foi com o 12º ano, via ensino, enquanto que 7% dos restantes tiveram acesso através do 12º ano, via profissional, ou pelo curso de ensino técnico profissional. Nenhum dos inquiridos ingressou através do exame ad-hoc.

O baixo valor da via profissional e do curso técnico no acesso ao ensino superior dos licenciados e mestrandos observados, poderá ter como significado que os alunos que seguem estas vias destinam-se a outros sistemas, com destaque o do emprego.

A tabela 6 apresenta-nos os valores relativos à questão sobre se o curso ao que se refere o inquérito foi ou não a primeira opção de escolha no acesso ao ensino superior. Verifica-se que grande parte dos inquiridos respondeu que este foi a sua primeira opção (74%) enquanto 26% responderam que não.

Grande parte dos estudantes inquiridos (63%) referem que escolheram ingressar no ensino superior pela razão de permitir desempenhar uma profissão desejada sendo que 32% avaliaram como a razão mais importante. Em segundo plano temos 52% que justificam a sua escolha por ser um curso que fornece mais possibilidades de encontrar um emprego com um salário elevado, avaliando esta razão também como das mais importantes (23%).

Segundo as respostas dos diplomados, estes escolheram o seu curso maioritariamente entre três razões: por ser um curso com várias/boas saídas profissionais (18%), por ser um curso que permita a aquisição de conhecimentos na sua área de interesse (16%) e por ser um curso que permita desempenhar uma profissão que a/o realize pessoalmente. De todas as razões dadas as menos escolhidas foram por ser um curso que grande parte dos amigos também escolheram ou por ser um curso para o qual tinham média suficiente.

Existe uma grande diferença entre os alunos que frequentaram/frequentam alguma formação complementar sendo que 78% destes não frequentaram qualquer tipo de especialização ou programas de mobilidade. Dos que realizaram, 57% realizou essa formação no estrangeiro.

O mesmo se aplica se praticaram alguma atividade extra curricular durante o curso, em que 51% afirmou não ter realizado. A atividade extra curricular mais frequentada de todas as referidas foi as línguas num valor percentual de 32% e foi avaliada como muito importante em 23%.

De todos os inquiridos, 75% não exercem qualquer atividade laboral mas 25% responderam que sim. Dos trabalhadores estudantes, 18% começou a trabalhar enquanto já estudava o que demonstra que os jovens com a crise atual sentiram a necessidade de começar a trabalhar ao mesmo tempo que estudam.

Quando questionados em relação ao tempo que acham que vai decorrer entre a conclusão e a obtenção do primeiro emprego, 25% afirmou um ano, 18% afirmou 6 meses e 15% afirmou 3 meses. Por outro lado, 22% dos inquiridos trabalhadores estudantes afirmaram que acham que vai decorrer um ano até à primeira alteração da sua situação de trabalho e outros 22% acham que poderá decorrer dois anos. Uma fatia menor (19%) acham que poderá decorrer em 6 meses.

Dos inquiridos trabalhadores estudantes, 51% trabalha numa área profissional que não está relacionada com o seu curso, no entanto 68% não pretende continuar nessa atividade profissional quando concluir o curso.

A maioria dos mesmos como mudanças significativas depois da conclusão do curso pretendem um aumento salarial (26%), desempenhar funções mais compatíveis com a formação obtida no curso (21%) e uma melhoria das condições de trabalho (18%).

De todas as opções dadas de como obtiveram o emprego atual, 35% obteve através de relações pessoais, 26% através de respostas a anuncio e 23% através da candidatura espontânea.

A maior parte dos mesmos trabalham por conta de outrem (80%), sendo que 48% deste têm um contrato a termo. Apenas 19% tem um contrato de trabalho sem termo, ou seja, são efetivos nas empresas. Mais de metade (65%) têm um regime de trabalho a tempo parcial.

Da amostra total, 62% pretendem prosseguir com os seus estudos no ensino superior sendo que 66% pretende tirar um mestrado, 18% pretende tirar uma pós-graduação e 16% um doutoramento. É preciso ter em conta que alguns inquiridos pretendem tirar mais do que um dos referidos anteriormente.

Os jovens que pretendem continuar os seus estudos nomeiam como as razões mais importante o aprofundamento dos seus conhecimentos e competências na sua área científica e o aumento das condições de trabalho. Outras duas razões avaliadas apenas como importantes foi pela necessidade de desenvolvimento das capacidades pessoais e por satisfação pessoal. Dos diplomados que não pretendem continuar com os seus estudos nomeiam como razões importantes o fato de possuírem formação suficiente na licenciatura/mestrado e também porque já se encontram cansados de continuar a ser estudante.

Quando questionados sobre as medidas que pretendem adoptar para aumentarem as possibilidades de encontrar emprego, 25% pretendem realizar estágios, 22% pretendem frequentar cursos de formação e 15% efetuar candidaturas espontâneas.

De todas as condições dadas, os jovens selecionaram como as mais necessárias/importantes na sua opinião para virem a alterar a sua situação profissional ou mesmo aceitar um emprego ter uma remuneração que lhe pareça adequada à sua formação (34%), tem que estar relacionado com a sua área de formação (30%) e também desejam ter boas condições de trabalho (22%).

Quando questionados se aceitariam um emprego que implicasse a mudança do seu local de residência para outra localidade do país 42% responderam que sim, e o mesmo aconteceu se fosse para o estrangeiro (44%). Os mesmos responderam “sim, se não tivessem outra oportunidade” quando questionados em relação a um emprego que não tivesse relacionado com a sua formação académica (40%), que não possibilitasse a concretização das suas expectativas em termos profissionais (36%), que implicasse ter um vínculo de trabalho precário (40%), se considerasse que seria subqualificado face à sua formação académica (39%) e por último, se implicasse auferir de um salário bruto igual ao salário mínimo nacional (40%). Contrariamente, responderam “não” se considerassem o trabalho socialmente desvalorizado (36%) e se implicasse trabalhar clandestinamente (72%).

Mais de metade da amostra (81%) afirma que têm a opinião de que o fato de alguém terminar um curso superior obtém mais possibilidades de encontrar emprego. No entanto na sua opinião pessoal, 36% acha que “vai aumentar muito”, 40% afirmou que “sim que vai aumentar” e apenas 21% que “vai aumentar pouco”.

Tabela 7: Informação sobre razões de ingresso no ensino superior, atividades extra curriculares, fim do curso e emprego atual por género

		Feminino		Masculino	
		nº		nº	
Com o 12º ano, via ensino, as razões de ingresso ao ensino superior maioritárias são:	- Maior possibilidade de encontrar emprego	57	47%	24	20%
		45	37%	33	27%
	- Maior possibilidade de encontrar emprego bem remunerado	54	44%	57	47%
	- Pode desempenhar a profissão desejada				
Atividades extra curriculares frequentadas	Línguas	28	23%	5	4%
	Desporto	5	4%	11	9%
	Trabalho voluntário	13	11%	5	4%
	Trabalho remunerado	13	11%	4	3%
De forma individual, terminar o curso oferece mais oportunidades de emprego? (sim)	Licenciado	35	29%	21	17%
	Mestrando	22	18%	16	13%
Como obteve o emprego atual? (Estudante trabalhador)	Através de resposta a anúncio	5	4%	3	2%
	Através de relações pessoais	7	6%	4	3%
	Através de candidatura espontânea	4	3%	3	2%

Da observação da tabela 7, é visível que o grupo feminino apresenta como razões dominantes para o ingresso no ensino superior encontrar emprego (47%), melhorar a sua situação remuneratória (37%), destacando-se estas duas do grupo masculino. Este último ultrapassa o grupo feminino na procura da profissão desejada (47%).

No que respeita às atividades extra curriculares, 23% do grupo feminino frequentou línguas evidenciando-se do grupo masculino (4%). Por outro lado, este frequentou desporto (9%) sendo esta a única atividade que destacou-se do grupo feminino.

Podemos também verificar na tabela 7 que o grupo feminino com grau de licenciatura (29%) têm um pensamento mais positivo do que o masculino (18%) em relação ao fato de quando terminarem o curso, no seu caso pessoal, terão mais oportunidades de encontrar emprego. Quando possuem o grau de mestrado, os inquiridos não apresentam grandes diferenças entre géneros.

No grupo de trabalhadores estudantes, não se verificam grandes diferenças entre os géneros no modo como obtiveram o seu emprego atual. Tanto o grupo feminino como o masculino obtiveram através de relações pessoais, 6% e 3% respetivamente.

Tabela 8: Situação profissional

Licenciado				Mestrando			
Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
nº		nº		nº		nº	
6	5%	4	3%	12	10%	3	2%

Em relação à sua situação profissional (tabela 8), 5% do grupo feminino com licenciatura e 10% com mestrado trabalham por conta de outrem. Relativamente ao grupo masculino, licenciados e mestrados, verifica-se o mesmo com um valor percentual de 3% e 2% respetivamente.

Tabela 9: Atividade profissional

	Continuar na mesma atividade profissional				Mudar de atividade profissional			
	Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
	nº		nº		nº		nº	
Atividade está relacionada com a área do curso	1	1%	1	1%	1	1%	1	1%
Atividade não está relacionada com a área do curso	1	1%	3	2%	59	48%	44	36%

Os valores da tabela 9 falam-nos sobre a atividade profissional dos indivíduos inquiridos. A maioria dos indivíduos do grupo trabalhador estudante não intenciona continuar a desempenhar a mesma atividade. Entre o grupo feminino, 48% permanecem num emprego que nada tem a ver com a sua formação. O mesmo se verifica para o grupo masculino (36%).

Tabela 10: Informação sobre estudantes/trabalhadores estudantes por género

		Estudante				Trabalhador estudante			
		Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
		nº		nº		nº		nº	
Meio de transporte para a universidade	- Transportes públicos	30	25%	22	18%	9	7%	22	18%
	- Viatura própria	18	15%	21	17%	10	8%	5	4%
Medidas adotar para aumentar as possibilidades de encontrar emprego ou alterar situação profissional	- Realizar estágios	39	32%	26	21%	11	9%	6	5%
	- Frequentar cursos de formação	30	25%	26	21%	12	10%	5	4%
	- Candidaturas espontâneas	16	13%	14	11%	12	10%	6	5%
Condições necessárias para alterar situação profissional ou aceitar emprego	- Ter uma boa remuneração que lhe pareça adequada à sua formação	31	25%	27	22%	14	11%	7	6%
	- Relacionar-se com a sua área de formação	36	26%	23	18%	10	8%	6	5%
	- Ter boas condições de trabalho	20	16%	17	14%	8	7%	6	5%

A tabela 10 apresenta-nos três aspetos relacionados com os indivíduos que apenas frequentam a universidade - e que não executam nenhuma atividade profissional – e os trabalhadores estudantes. No que se refere à forma como se deslocam até à universidade, o grupo feminino estudante (25%) utiliza mais os transportes públicos do que o grupo masculino (18%). No caso dos trabalhadores estudantes, verifica-se o oposto, o grupo masculino (18%) desloca-se mais de transportes públicos do que o feminino (7%).

De modo geral, o grupo masculino apresenta menos vontade de melhorar as suas competências sendo que 21% e 5% dos licenciados e dos mestrados, respetivamente, pretendem efetuar estágios e cursos de formação.

Os indivíduos quando questionados sobre as medidas que pensam adoptar para aumentar as oportunidades de obter um emprego ou mesmo alterar a sua situação profissional, os alunos/as que apenas estudam demonstram-se mais aptos a esforçarem-se do que os indivíduos que estudam e trabalham. Através da tabela anterior podemos ver que 32% do grupo feminino estudante pretendem realizar estágios e 25% frequentar cursos de formação.

O grupo feminino estudante considera que a condição necessária para modificar a sua situação profissional ou aceitar um emprego terá que estar relacionada com a sua área científica (26%). Contrariamente, com uma diferença percentual pequena, o grupo masculino estudante só modificaria ou aceitaria um emprego se possuísse uma remuneração adequada à sua área de formação (22%). Na perspetiva dos trabalhadores estudantes, tanto o grupo feminino como o masculino a condição teria que ser uma remuneração elevada perante a sua formação, 11% e 6% respetivamente.

Tabela 11: Informação sobre estudante-trabalhador por género

		Trabalhador estudante			
		Feminino		Masculino	
		nº		nº	
Começou a trabalhar quando já estudava	Maior possibilidade de encontrar emprego	2	2%	1	1%
	Maior possibilidade de encontrar emprego bem remunerado	5	4%	2	2%
	Poder desempenhar a profissão desejada	4	3%	3	3%
Começou a estudar quando já trabalhava	Maior possibilidade de encontrar emprego	3	3%	2	2%
	Maior possibilidade de encontrar emprego bem remunerado	2	2%	1	1%
	Poder desempenhar a profissão desejada	0	0	0	0
Mudanças pretendidas com o terminar do curso	Aumento salarial	5	4%	4	3%
	Mudança de categoria profissional	6	5%	1	1%

A seguinte tabela 11 mostra-nos que os indivíduos que começaram a trabalhar quando já estudavam, não apresentam praticamente nenhuma diferença entre o grupo feminino e masculino em relação às principais razões que os levaram a ingressar no ensino superior. O mesmo ocorre com os que começaram a estudar quando já desempenhavam um atividade profissional. O único ponto que sobressai é o fato dos indivíduos que começaram a estudar quando já trabalhavam, tanto o feminino como o masculino não selecionaram como razão para o ingresso no ensino superior “poder desempenhar a profissão desejada”, tiveram as mesmas preferências.

Em relação às mudanças pretendidas quando o curso terminar, 4% do grupo feminino (estudante-trabalhador) pretende alcançar um salário melhor e 5% intenciona mudar de categoria profissional, desempenhar outra função. De modo contrario, 3% do grupo masculino demonstra preferência pelo aumento salarial e apenas 1% deseja mudar de categoria.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A importância deste trabalho radica no crescimento acentuado da população do grupo feminino na população estudantil universitária, onde superam os 50% (Direção-Geral de Estatística da Educação e Ciências).

Com as atuais exigências da globalização e com a situação económica atual, a falta de emprego e a falta de qualidade, revela-se como um impasse social grave para os diplomados. Quando os indivíduos falam sobre as suas expectativas em relação ao futuro profissional, surge uma partilha de pessimismo em relação às possibilidades de emprego, aspeto sublinhado no trabalho de Dubar e Demaziere (1997).

Os diplomados ingressam no ensino superior com o intuito de melhorar e aumentar as suas possibilidades no complexo mercado da atualidade. Numa perspetiva de género, o grupo feminino luta contra diferenças de cargo e de salários. Pretendem melhorar a sua vida, tem o intuito de obter um emprego e ao mesmo tempo de melhorar a sua situação remuneratória. O maior desafio feminino tem sido a conquista pela igualdade salarial, tópico debatido por Nascimento (2008) no seu trabalho. Por outro lado, outro tipo de discriminação está relacionada com as funções que estas assumem numa organização. Como exemplo disso, temos as empresas dos dias de hoje que são constituídas maioritariamente por mulheres mas o mais inesperado é o fato destas ocuparem a menor proporção de cargos de chefia, como referido por Assis (2009).

Os indivíduos sentem-se mais motivados a estudar de modo a conseguirem um emprego melhor e um estilo de vida razoável tendo em conta a crise económica. As razões de escolha do curso estão relacionadas com os gostos e ambições de cada um. Maioritariamente optaram por um curso pela razão de que este oferecerá um número maior de boas saídas profissionais e por uma questão pessoal.

A realização de formação fora do nosso país é um fator que poderá estar relacionado com o fato que pode introduzir na formação dos indivíduos diferentes aprendizagens, bem como um crescimento cultural de outros países. Estudar fora do país leva a uma maior valorização em termos de currículo profissional, aspeto sublinhado no trabalho de Kugelberg (1998). Em contraste, nos resultados mais de metade não realizou qualquer tipo de especialização ou programas de mobilidade sendo que uma pequena

percentagem realizou e foi feita no estrangeiro. Como justificação podemos ter o fato dos indivíduos não terem capital suficiente para puderem estudar fora do país.

Semelhante, verifica-se quando se fala das atividades extra curriculares, havendo poucos indivíduos que tenham praticado o que demonstra um pequeno interesse por completar os seus conhecimentos que possam vir aumentar as suas qualificações e vir a fazer diferença numa futura inserção profissional. Numa perspetiva de género, existem diferenças no pensamento entre o mesmo, pois o feminino de modo geral pratica mais atividades do que o masculino. Das mais praticadas pelo feminino são as mais benéficas para o seu futuro profissional (línguas, trabalho remunerado e voluntário) do que a atividade desporto que consiste na mais frequentada pelo masculino. Como referido por Baltazar et al. (2012), o grupo feminino tem uma maior probabilidade de trabalhar em atividades de baixa produtividade do que os homens. Consequentemente, leva a que o grupo feminino tenha como intuito participar em atividades que lhe ofereçam um crescimento de conhecimentos e de prática no mundo do trabalho de modo a poderem combaterem o fato de que o grupo masculino trabalha em atividades de alta produtividade.

Os indivíduos que já executam uma atividade laboral, poucos são os que trabalham numa área relacionada com a sua área científica. É possível compreender que com as dificuldades em obter um emprego, os indivíduos trabalham onde existe a possibilidade de trabalhar mesmo que não seja relacionado com as suas preferências ou mesmo área de curso. Quando finalizarem o curso têm como intuito obter um aumento salarial, desempenhar funções novas que vão de encontro à formação obtida no curso e obter condições de trabalho mais favoráveis.

Hoje em dia encontra-se emprego enviando currículos, através da resposta a anúncios de emprego ou mesmo indo a feiras de emprego realizadas pelas faculdade e também através de relações. Os conhecimentos que cada individuo possui é um dos fatores mais positivos nos dias de hoje, pois através de pessoas conhecidas poderá vir a ter um acesso mais facilitado e mais rápido ao mercado de trabalho.

Dada a situação económica, a questão já não é apenas como obter um emprego mas também em manter o mesmo. Uma grande parte dos trabalhadores estudantes afirma ter um contrato a termo sendo uma característica associada à instabilidade do mercado de trabalho resultante da crise.

Para que consigam alcançar mais alternativas de encontrar emprego, os indivíduos optam por despende tempo em estágios e frequentar cursos de formação. Como referido anteriormente, os estágios são cada vez mais vistos como um experimento prático, enriquecedor, complementar à formação académica e uma abertura de acesso ao mercado de trabalho, questão abordada no trabalho de Guerreiro et al. (2007).

Tendo em conta a situação do mercado de trabalho, os indivíduos só decidem alterar a sua situação de trabalho ou aceitar um emprego se a nova proposta oferecer-lhes condições melhores como um salário ajustado às suas qualificações, relacionado com a formação e boas condições de trabalho. Numa perspetiva de género, o grupo feminino só deseja um emprego que vá de encontro à sua formação, o masculino por outro lado, só trocaria ou aceitaria se tivesse uma remuneração adequada.

O pensamento de que alguém quando termina o curso possui mais possibilidades de encontrar emprego ainda existe na mente dos indivíduos. Como referido anteriormente por Alves (2009) no seu trabalho, antigamente um diploma dava uma entrada direta para o mundo profissional, nos dias de hoje já não se vive essa realidade mas no entanto os jovens diplomados ainda acreditam que um nível de ensino superior oferece-lhes vantagens no mundo do trabalho.

Como referido anteriormente, os jovens de hoje iniciam uma viagem profissional seguramente inconstante e imprevisível, constituindo um desafio constante para os indivíduos (Azevedo, 1999). Tendo conhecimento desta realidade, os indivíduos demonstram-se capazes de tomar decisões de modo a obterem um emprego mesmo que esse não vá de encontro às suas expectativas. Com os resultados obtidos podemos assistir que grande parte encontra-se disposto a deixar o seu local de residência para ir trabalhar para outra zona do país. Demonstra que os indivíduos com as poucas possibilidades de emprego existentes, têm que tomar este tipo de decisões para que consigam obter um sustento. Uma maioria também encontra-se disposto a trabalhar numa área que nada tenha a ver com a sua formação se não tiver outra oportunidade de emprego disponível, o mesmo se verifica em relação à concretização das suas expectativas profissionais ou mesmo sendo um trabalho precário. Inquestionavelmente, aqui surge a ideia de que os indivíduos encontram-se dispostos a aceitar um emprego que surja mas que no fundo não os despreze como seres humanos.

De um modo geral, os indivíduos inquiridos têm como objetivo dar continuação aos seus estudos e alguns deles pretendem tirar mais do que um nível de ensino superior. O desemprego registado com habilitação superior de Licenciatura no ano de 2012, foi muito elevado em relação ao nível de Mestrado e de Doutoramento (Direção-Geral de Estatística da Educação e Ciências, 2013) sendo uma razão para que os jovens pretendam continuar os seus estudos e não fiquem apenas com o nível de Licenciatura.

É do senso comum que nos dias de hoje é difícil obter um primeiro emprego no final do curso, mas também o é em manter um emprego havendo a necessidade constante de adquirir novos conhecimentos e tornarem-se mais capazes para desempenhar mais do que uma função. Sob o mesmo ponto de vista, os inquiridos pretendem dar continuação aos estudos de modo a aprofundarem os conhecimentos numa área e para obterem melhores condições de trabalho. Por outro lado, fazem-no por vontade própria para que se sintam bem com eles mesmos.

Capítulo 6

CONCLUSÃO

No que se refere à totalidade da amostra, as principais conclusões foram:

- mais de metade respondeu que o curso atual foi a sua primeira opção;
- as razões mais escolhidas como razão de ingresso no ensino superior foram por permitir desempenhar a profissão desejada e por fornecer mais possibilidades de encontrar um emprego com um salário elevado;
- poucos alunos frequentaram uma formação complementar como uma especialização ou programas de mobilidade; os que realizaram, a maioria foi no estrangeiro;
- mais de metade pretende prosseguir com os seus estudos e muitos pretendem tirar mais do que um nível de ensino superior;
- como razões mais importantes para continuarem os estudos estão relacionadas com o aprofundamento dos seus conhecimentos e competências na sua área científica e obter um aumento das condições de trabalho;
- aceitariam um emprego que implicasse a mudança do seu local de residência no país ou mesmo para o estrangeiro; aceitariam um emprego que não estivesse relacionado com a sua área se não houvesse outra possibilidade; que implicasse um vínculo de trabalho precário, e auferir de um salário bruto igual ao salário mínimo nacional.

No que se refere aos apenas estudantes, as principais conclusões foram:

- deslocam-se para faculdade maioritariamente de transportes públicos;
- como medidas a adoptar para aumentar as possibilidades de encontrar emprego ou alterar a sua situação profissional, pretendem realizar estágios e frequentar cursos de formação;
- só alteravam a sua situação profissional/aceitariam um emprego se obtivessem uma boa remuneração que fosse adequada à sua formação.

No que se refere aos trabalhadores estudantes, as principais conclusões obtidas por conveniente observação são:

- não estão dispostos a aceitar empregos que não lhes ofereça um crescimento salarial e melhores condições de natureza profissional;
- a maioria obteve o seu emprego atual através de relações pessoais;

- a maioria não intenciona continuar a desempenhar a mesma atividade profissional, sendo que a atividade não está relacionada com a área do curso;
- deslocam-se para a faculdade maioritariamente de transportes públicos;
- começaram a estudar quando já trabalhavam para obter mais possibilidades de encontrar emprego e por sua vez, com uma boa remuneração;
- mais de metade trabalha numa atividade profissional que não está relacionada com a sua área e grande parte pretende mudar de área quando o curso terminar;
- com o final do curso, pretendem um aumento salarial, desempenhar funções mais compatíveis com a formação obtida e uma melhoria das condições de trabalho;
- a maioria trabalha por conta de outrem, sendo que uma grande parte trabalha com um contrato a termo.

No que se refere ao grupo feminino e masculino, as principais conclusões da análise realizada foram:

- mais de metade da amostra é constituída pelo grupo feminino;
- o grupo feminino apresenta como razões dominantes para o ingresso no ensino superior: encontrar emprego e melhorar a sua situação salarial, destacando-se do grupo masculino;
- o grupo masculino das razões dominantes para o ingresso no ensino superior, destaca-se do grupo feminino na razão ‘poder desempenhar a profissão desejada’;
- o grupo feminino foi quem mais realizou atividades extra curriculares como línguas, trabalho voluntário e remunerado, destacando-se sempre do masculino;
- das atividades extra curriculares, o grupo masculino destacou-se do feminino unicamente em desporto;
- o grupo feminino com grau de licenciatura, acreditam que quando concluírem o curso, no seu caso pessoal, terão mais oportunidades de encontrar emprego. Por outro lado, o masculino acredita mas em menor número;
- um numero elevado do grupo feminino permanece num emprego que nada tem a ver com sua formação.
- o mesmo se verifica com o masculino mas em menor número;

- o grupo feminino apresenta valores altos na vontade de efetuar estágios e cursos de formação de modo a aumentarem as suas possibilidades de encontrar emprego ou alterar a sua situação profissional;
- o grupo feminino considera como condição necessária para modificar a sua situação profissional/aceitar um emprego terá que estar relacionada com a sua área de formação;
- o grupo masculino só modificaria/aceitaria se possuísse uma remuneração adequada à sua área de formação;
- o feminino e o masculino trabalhador estudante só modificaria/aceitariam se tivesse uma remuneração elevada;
- o grupo feminino com o terminar do curso pretende mudar de categoria profissional dando menos preferência ao aumento salarial;
- o masculino demonstra preferência pelo aumento salarial e menos pela mudança de categoria.

Em resumo importa salientar que em virtude dos fatos mencionados, os jovens dos dias de hoje quando se referem às expectativas em relação ao futuro profissional, todos eles partilham um pessimismo generalizado tendo em conta as escassas oportunidades de emprego no complexo mundo do mercado de trabalho. É possível concluir com tudo o que foi referido que os indivíduos com nível de ensino superior têm noção de que há a necessidade constante de estarem sempre a obter novos conhecimentos com o intuito de aumentarem as suas probabilidades de obter um emprego (formações, ensino superior, estágios, entre outros). Possuem expectativas baixas mas pretendem lutar contra essa realidade.

As mulheres de modo geral, demonstra-se com mais vontade de estudar e esforçarem-se, pois estas têm que ultrapassar por situações que o grupo masculino não tem. As empresas têm tendência por norma a oferecer melhores condições de trabalho ao masculino e o feminino tenta lutar contra essa diferença. No entanto o feminino expressa-se mais preparado em aceitar emprego que nada tenham a ver com a sua área, pois pretendem obter um emprego em primeiro lugar e de seguida lutar por melhores condições. O grupo masculino preocupa-se mais com a remuneração.

Apesar do desemprego dos diplomados, percebemos que os indivíduos continuam a investir na sua formação. Antigamente ter um nível de ensino superior era algo raro mas nos dias de hoje, existe um grande número de pessoas diplomadas. Contudo, o

desemprego destas mesmas tem vindo a aumentar afetando mais o grupo feminino. Mesmo com esta realidade, tanto o grupo feminino como o masculino continuam a optar por dar continuação aos seus estudos. O masculino porque pretende um emprego com uma remuneração elevada e não possui tantas ‘interferências’ quanto o feminino. O feminino exige mais trabalho e esforço, pois existe uma tendência comum no sentido em que o grupo feminino ultrapassa por dificuldades maiores no acesso ao emprego e de estabilidade no mercado de trabalho.

É importante ainda referir que como foi dito anteriormente, os indivíduos nos últimos anos têm optado por continuar os seus estudos após a licenciatura, sendo cada vez mais habitual que prossigam nos seguintes níveis de ensino superior.

Uma das limitações deste estudo encontra-se na sua reduzida amostra: 122 alunos. Desta forma, as conclusões deste estudo aplicam-se apenas a essa mesma população, tratando-se por isso de um estudo exploratório. Por outro lado, a amostra deste estudo engloba maioritariamente alunos de duas instituições de ensino superior, a Universidade Lusíada de Lisboa e o Instituto Superior de Economia e Gestão. Assim sendo, não podemos generalizar os resultados obtidos à população estudantil no total. Como já referimos anteriormente, este estudo procurou conhecer as expectativas dos jovens em relação à inserção no mercado de trabalho. Pensamos que obter um estudo com mais indivíduos de outras instituições de ensino superior seria benéfico e fazer-se uma comparação de modo a verificar se os resultados seriam mútuos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Alves, Natália (2008). *Juventudes e inserção profissional*. Lisboa: EDUCA & Unidade de I&D de Ciências da Educação;
- Alves, Mariana Gaio (2003). *A Inserção Profissional de Diplomados de Ensino Superior numa Perspectiva Educativa: o Caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia*. Lisboa. Dissertação (Doutoramento em Especialidade de Educação e Desenvolvimento) – Universidade Nova de Lisboa;
- Alves, Mariana Gaio (2004). *Os diplomados de ensino superior: diferenciação sexual nos processos de inserção profissional*. Sociologia, 14, 227-250;
- Alves, Mariana Gaio (2009). *Ensino Superior, Trabalho e Emprego na Atual Sociedade de Risco*. Sociologia, Problemas e Práticas, 59, 107-124;
- Assis, Rosiane Hermandes de (2009). *A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho*. Congresso Virtual Brasileiro de Administração: Convibra;
- Azevedo, Joaquim (1999). *Voos de borboleta – Escola trabalho e profissão*. Porto: Edições ASA;
- Baltazar, Maria da Saudade, Rego, Conceição, Caleiro, António (2012). *Ensino Superior e Género: Diplomados e Mercado de Trabalho*. Munich Personal RePEc Archive, 40709, 1-19;
- Banco Mundial (2011). *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2012 – Igualdade de Género e Desenvolvimento*. Washigton: BM;
- Barañano, A.M. (2004). *Métodos e Técnicas de Investigação em Gestão*. 1nd Edições Sílabo;
- Bogalho, Pedro Jorge (2008). *Base de Dados Comunitária das Políticas de Emprego*. Disponível em <<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000041001-000042000/000041654.pdf>> (consultado em 25 Fevereiro de 2014);
- Carvalho (1986) cit in Alves, Natália (2008);
- Coelho, Lina (2013). *Mulheres e Desigualdades em Portugal: Conquistas, Obstáculos, Contradições e Ameaças*. Lisboa: Movimento Democrático das Mulheres – MDM;
- Cruz Vilas, Bruno José da (2013), *Políticas Públicas e Desemprego Jovem*. Covilhã,

- Dissertação (Mestrado) – Universidade da Beira Interior;
- Dubar, C. & Demaziere, D. (1997) cit in Varandas de Carvalho, Joana (2012);
- Esping-Andersen, Gosta (2002). *Why We Need a New Welfare State*. Oxford: University Press;
- Ferreira, Virginia (2003), *Relações Sociais de Sexo e Segregação do Emprego: Uma Análise da Feminização dos Escritórios em Portugal*. Coimbra, Dissertação (Doutoramento) – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra;
- Gennari, Adilson, Albuquerque, Cristina (2011). *Globalização, desemprego e (nova) pobreza: Estudo sobre impatos nas sociedades portuguesa e brasileira*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 92, 51-73. Disponível em <<http://rccs.revues.org/3970>> (consultado em 25 Fevereiro de 2014);
- Gil, António Carlos. (1999). Métodos e técnicas de pesquisa social. Editora Atlas. São Paulo. 5º Edição;
- Gil, António Carlos. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas. São Paulo;
- Gomes, Almira Ferraz (2005) cit in Assis, Rosiane Hermandes de (2009);
- Gonçalves, F. R., Carreira, T., Valadas, S., Sequeira, B. (2006). *Percursos de empregabilidade dos licenciados: Perspetivas europeias e nacional*. Análise Psicológica, 1(XXIV), 99-114;
- Guerreiro, Maria das Dores, Abrantes, Pedro (2007). *Transições Incertas – Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*. Estudos N.º2, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego;
- Guerreiro e Romão (1995); Torres e Silva (1998) cit in Guerreiro, Maria das Dores, Abrantes, Pedro (2007:28);
- Instituto Nacional de Estatística – Estatísticas do Emprego, 3.º Trimestre de 2013;
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2001). Fundamentos de Metodologia Científica. Revista e ampliada. 4ª Edição. Editora Atlas. São Paulo.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2002). Técnicas de pesquisa. 5ª Edição. Editora Atlas. São Paulo.

- Lewis (1992) cit in Pedroso, Paulo, Ferreira, António C., Dornelas, António, Estanque, Elísio, Centeno, Mário, Novo, Álvaro, Henriques, Marina (2005:20);
- Kugelberg, Clarissa (1998). *Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta. Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, 41-57;
- Marques, Ana Paula (2007). *MeIntegra – Mercados e Estratégias de Inserção Profissional. Licenciados versus Empresas da Região Norte*. Relatório Final. Coleção DS/CICS: Universidade do Minho;
- Marques, Ana Paula (2009). “Novas” *Legitimidades de Segmentação do Mercado de Trabalho de Jovens Diplomados*. *Revista Portuguesa de Educação*, 22(2), 85-115;
- Mattar, F. N. (2001) *Pesquisa de Marketing: Edição Compacta*. Editora Atlas. São Paulo.
- Moreira, C. D. (1994) cit in Varandas de Carvalho, Joana (2012);
- OCDE (1993), *De l’enseignement supérieur a l’emploi – rapport de synthèse*, Paris cit in Alves, Mariana Gaio (2003);
- Nascimento (2008) cit in Assis, Rosiane Hermandes de (2009:7);
- OCDE (2006), *Reviews Of National Policies For Education – Tertiary Education In Portugal*, disponível em <<http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/8B016D34-DAAB-4B50-ADBB-25AE105AEE88/2565/Relat%C3%B3rio.pdf>> (consultado em 14 Fevereiro de 2014);
- Oppenheimer (1997) cit in Coelho, Lina (2013:8);
- Pedroso, Paulo, Ferreira, António C., Dornelas, António, Estanque, Elísio, Centeno, Mário, Novo, Álvaro, Henriques, Marina (2005), *Acesso ao Emprego e Mercado de Trabalho*. Coimbra. Relatório Final – Faculdade de Economia Universidade de Coimbra;
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva;
- Relatório V - *A Crise do Emprego Jovem: Tempo de Agir*. Conferência Internacional do Trabalho, 101^a Sessão, 2012. Disponível em <

http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/relatorio_empregojo_vem_2012.pdf> (consultado em 16 Fevereiro);

Rose, J. (1998) cit in Peneiras, Mário dos Santos Martins (2003);

Silva, 1983; Ferreira, 1999 cit in Coelho, Lina (2013:1);

Teichler, Ulrich. (1999). *Research on the relationships between higher education and the world of work: Past achievements, problems and new challenges*. Higher Education, 38, 169-190;

Theodorson, G. A. & Theodorson, A. G., 1970 cit in Revista Comunicação Midiática, v.6, n.3, p.31-50, Setembro/Dezembro de 2011. Disponível em <<file:///Users/marianarovisco/Downloads/Dialnet-AssimetriasDeConhecimentoEPercepcaoDeTextosMidiati-3900480.pdf>> (consultado a 1 de Maio);

Varandas de Carvalho, Joana (2012). *Os “novos mundos da inserção” dos/as diplomados/as do ISMT: Precariedade e individualização nas transições atuais para o mundo do trabalho*. Coimbra, Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional) – Instituto Superior Miguel Torga;

Vieira, Diana, Coimbra, Joaquim Luís (2006). *Sucesso na Transição Escola-Trabalho: A Percepção de Finalistas do Ensino Superior Português*. Revista Brasileira de Orientação Profissional, 7, 1-10;

Dados Estatísticos

- DGEEC - Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência disponível em <[http://www.dgeec.mec.pt/np4/EstatVagasInsc/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=120&fileName=Insc1Ano1Vez_95_96_12_131.ods](http://www.dgeec.mec.pt/np4/EstatVagasInsc/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=120&fileName=Insc1Ano1Vez_95_96_12_131.ods)> (consultado em 1 Abril) e em <<http://www.dgeec.mec.pt/np4/92/>> (consultado a 9 Abril);
- PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo disponível em <[http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+\(percentagem\)-550](http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+sexo+(percentagem)-550)> (consultado em 1 Abril);

- Observatório das Desigualdades disponível em <<http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=indicators&id=79>> (consultado em 1 Abril);
- Eurostat - disponível em <<http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do>> (consultado a 9 Abril);

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário

Expetativas dos Licenciados e dos Mestrandos em Relação à Inserção no Mercado de Trabalho

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS DIPLOMADOS

No âmbito do trabalho final de mestrado em Gestão de Recursos Humanos do Instituto Superior de Economia e Gestão, este inquérito destina-se a recolher dados relativos às expetativas dos licenciados e dos mestrandos em relação à inserção no mercado de trabalho. Trata-se de um questionário anónimo e o seu tratamento será feito de forma confidencial. A sua opinião é muito importante.

Caraterização

1. Sexo (*assinale com um (x)*)

☐ Masculino ☐ Feminino

2. Idade: _____ Anos

3. Nível de ensino superior

☐ Licenciatura ☐ Mestrado

4. Frequenta a universidade: _____

5. Curso: _____

6. O seu agregado familiar tem _____ elementos.

7. A sua área de residência é _____ (concelho).

8. Desloca-se para a universidade de:

☐ Transportes Públicos

☐ Viatura própria

☐ Outra. Qual? _____

Trajectoria Escolar

9. Com que habilitações se candidatou, pela primeira vez, ao ensino superior?

☐ 12º ano, via ensino

☐ 12º ano, via profissionalmente

☐ Curso de ensino técnico – profissional

☐ Exame ad-hoc

☐ Outra situação. Qual? _____

10. O curso a que se refere o inquérito foi a sua 1ª opção?

☐ Sim

☐ Não

11. Quais foram as principais razões que o levaram a ingressar no ensino superior? (*assinale no máximo 3 razões consoante a sua importância: 1=nada importante; 2=pouco importante; 3=muito importante*)

☐ Maior possibilidade de encontrar emprego

☐ Maior possibilidade de encontrar emprego bem remunerado

☐ Poder desempenhar a profissão desejada

☐ Progredir na carreira profissional

☐ Contribuir para o seu desenvolvimento intelectual

☐ Gostar de estudar e adquirir mais conhecimentos

- ☐ Ascender socialmente
- ☐ Sempre teve boas notas
- ☐ Nunca reprovou
- ☐ A família sempre esperou que fizesse um curso superior
- ☐ Os amigos também se candidataram ao ensino superior
- ☐ Outras razões. Quais? _____

12. Quais foram as principais razões que o levaram a ingressar neste curso específico: (*assinale no máximo 3 razões*)

- ☐ Por ser um curso com prestígio.
- ☐ Pela estrutura curricular do curso.
- ☐ Por ser um curso essencialmente teórico.
- ☐ Por ser um curso essencialmente prático.
- ☐ Por ser um curso com várias/boas saídas profissionais.
- ☐ Por ser um curso que permita a aquisição de conhecimentos na sua área de interesse.
- ☐ Por já ter trabalhado em áreas afins.
- ☐ Por ser um curso que permita desempenhar uma profissão que a/o realize pessoalmente.
- ☐ Por ser um curso que permita desempenhar uma profissão útil.
- ☐ Por ser um curso que permita desempenhar uma profissão bem remunerada.
- ☐ Por ser um curso que permita desempenhar uma profissão que lhe deixe tempo livre.
- ☐ Por ser um curso que permita desempenhar uma profissão com prestígio social.
- ☐ Por ser um curso com tradição na família.
- ☐ Por ser um curso que grande parte dos amigos também escolheram.
- ☐ Por ser um curso que permita impor a sua vontade perante a família.
- ☐ Por ser um curso para o qual tinha média suficiente para entrar.
- ☐ Por ser um curso que permite participar no desenvolvimento do país.
- ☐ Outra razão. Qual? _____

13. Frequentou/frequenta alguma formação complementar (ex.: especializações, programas de mobilidade/intercâmbio estudantes), durante o seu curso?

- ☐ Sim
- ☐ Não (passe para pergunta 15.)

14. Indique se realizou essa formação no país ou no estrangeiro:

- ☐ No país
- ☐ No estrangeiro

15. Desenvolveu algumas atividades de carácter extra curricular (ex.: informática, línguas, artísticas e culturais, associativas, ...) durante o atual curso?

- ☐ Sim
- ☐ Não (passe para pergunta 17.)

16. Em que área(s) frequentou/frequenta indicando o seu grau de importância de 1 a 5? (*pode assinalar mais do que uma resposta. 1=nada importante; 2=pouco importante; 3=indiferente; 4=importante; 5=muito importante*)

	Frequentou/ Frequenta	Grau de importância				
		1	2	3	4	5
Informática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Línguas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desporto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Artísticas e culturais (dança, música, pintura, ...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participação em associações (de estudantes, locais, recreativas, ...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalho voluntário (apoio a idosos, crianças, ...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalho remunerado (a tempo parcial ou a tempo completo)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estágio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Quais? _____

17. A sua situação atual é? (*assinale a resposta que corresponde à sua situação*)

- ☐ Estudante a tempo inteiro
- ☐ Estudante trabalhador (começou a trabalhar quando já estudava) (passe para pergunta 19.)
- ☐ Estudante trabalhador (começou a estudar quando já trabalhava) (passe para pergunta 19.)

18. Quanto tempo acha que vai decorrer entre a conclusão do curso e a obtenção do primeiro emprego após o curso?

_____ (☐ mês(es)/ ☐ ano(s))

Siga para a pergunta 27.

19. Quanto tempo acha que vai decorrer entre a conclusão do curso e a primeira alteração da sua situação de trabalho?

_____ (☐ mês(es)/ ☐ ano(s))

20. Essa atividade profissional está relacionada com a área do seu curso?

- ☐ Sim (passe para pergunta 22.)
- ☐ Não

21. Pretende continuar nessa atividade profissional quando terminar o curso?

- ☐ Sim
- ☐ Não (passe para pergunta 23.)

22. Quais as mudanças mais significativas que espera que aconteçam quando terminar o seu curso? (*pode assinalar mais do que uma resposta*)

- ☐ Aumento salarial
- ☐ Melhoria das condições de trabalho
- ☐ Mudança de categoria profissional
- ☐ Desempenho de funções mais compatíveis com a formação obtida no curso
- ☐ Mudança de emprego
- ☐ Nenhuma mudança
- ☐ Outra. Qual? _____

23. Como é que obteve o emprego atual? (*assinale a resposta que melhor se adequa*)

- ☐ Através de resposta a anúncio
- ☐ Através de colocação de anúncio
- ☐ Através de relações pessoais (amigos, familiares, professores, ...)
- ☐ Através de relações profissionais
- ☐ Através de protocolos existentes entre a universidade e empresas/instituições de trabalho
- ☐ Através do Gabinete de Saídas Profissionais da universidade
- ☐ Na sequência de um estágio
- ☐ Através de candidatura espontânea (enviei o curriculum)
- ☐ Através da criação do próprio emprego
- ☐ Outra. Qual? _____

24. Qual é a sua situação profissional? (*assinale a resposta que melhor se adequa*)

- ☐ Trabalhador(a) por conta própria sem empregados
- ☐ Trabalhador(a) por conta própria com empregados
- ☐ Trabalhador(a) por conta de outrem
- ☐ Trabalhador(a) sem remuneração numa empresa familiar
- ☐ Outra situação. Qual? _____

25. Qual é o seu tipo de contrato de trabalho? (*assinale a resposta que melhor se adequa*)

- ☐ Contrato de trabalho sem termo (efectivo)
- ☐ Contrato de trabalho com termo (a prazo)
- ☐ Contrato de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhante)
- ☐ Situações de trabalho pontuais e ocasionais
- ☐ Outra situação. Qual? _____

26. Qual é o seu regime de trabalho?

- ☐ Tempo completo
- ☐ Tempo parcial

27. Após a conclusão do seu curso pretende prosseguir com os seus estudos no ensino superior?

- ☐ Sim
- ☐ Não (siga para pergunta 30.)

28. Qual o tipo de curso que pretende tirar?

- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ Pós-graduação

29. Para prosseguir com os estudos no ensino superior, qual a importância que terá cada um dos seguintes aspetos: (*1=nada importante; 2=pouco importante; 3=indiferente; 4=importante; 5=muito importante*)

	1	2	3	4	5
Aprofundar conhecimentos e competências na sua área científica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aumentar as condições de sucesso na futura inserção profissional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Continuar a ser estudante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desenvolvimento das capacidades pessoais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Era a única alternativa disponível	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação insuficiente na licenciatura/mestrado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Influência da família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Influência dos colegas ou amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Influência dos professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Por satisfação pessoal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Siga agora para pergunta 31.

30. Para **não** prosseguir com os estudos no ensino superior, qual a importância que têm cada um dos seguintes aspetos: (1=nada importante; 2=pouco importante; 3=indiferente; 4=importante; 5=muito importante)

	1	2	3	4	5
Falta de recursos económicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de expectativas de emprego com a posse de um curso de grau superior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação suficiente na licenciatura/mestrado para obter um emprego	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estar farto(a) de ser estudante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de apoios (bolsa, ...) na universidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desinteresse pelos mestrados/doutoramentos/pós-graduações oferecidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Influência da família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Influência dos amigos ou colegas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Influência dos professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

31. Que medidas pensa adoptar para aumentar as possibilidades de encontrar emprego ou alterar a sua situação profissional? (pode assinalar mais de uma resposta)

- ☐ Nenhuma medida
- ☐ Frequentar cursos de formação (ex.: línguas, informática, ...)
- ☐ Re-ingressar na escola/faculdade (pós-graduações, mestrado, doutoramento, ...)
- ☐ Realizar estágios
- ☐ Inscrever-se no centro de emprego
- ☐ Ir a feiras de emprego
- ☐ Candidaturas espontâneas
- ☐ Outra. Qual? _____

32. Que condições considera necessárias para alterar a sua situação profissional ou aceitar um emprego? (assinale no máximo 2 condições principais)

- ☐ Ter uma remuneração que lhe pareça adequada à sua formação/função
- ☐ Relacionar-se com a sua área de formação
- ☐ Ter boas condições de trabalho (horário,...)
- ☐ Ser compatível com as suas necessidades
- ☐ Não é necessário nenhuma condição específica
- ☐ Outra. Qual? _____

33. Aceitaria um emprego que: (1=sim; 2=sim, mas vou continuar à procura de emprego; 3=sim, se não tivesse outra oportunidade; 4=não)

	1	2	3	4
Implicasse a mudança do seu local de residência para outra localidade do país	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não tivesse relacionado com a sua formação académica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Não possibilitasse a concretização das suas expetativas em termos profissionais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Considerasse socialmente desvalorizado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Implicasse ter um vínculo de trabalho precário (contrato a termo certo, recibos verdes)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Considerasse que seria subqualificado face à sua formação académica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Implicasse a mudança do seu local de residência para o estrangeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Implicasse trabalhar clandestinamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Implicasse auferir de um salário bruto igual ao salário mínimo nacional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

34. Considera que o fato de alguém terminar um curso superior lhe aumenta as possibilidades de encontrar emprego?

☐ Sim

☐ Não

35. E no seu caso pessoal, acha que vai aumentar as suas possibilidades de encontrar emprego? Posicione-se numa escala de 1 a 4 (*1=não vai aumentar nada; 2=vai aumentar pouco; 3=vai aumentar; 4=vai aumentar muito*)

1	2	3	4
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

36. Dos seguintes aspetos, diga-nos quais é que se revelam mais importantes para facilitar a passagem para o mundo do trabalho. Posicione-se numa escala de 1 a 5. (*1=ausente; 2=pouco presente; 3=indiferente; 4=presente; 5=muito presente*)

	1	2	3	4	5
Valores, normas e cultura da organização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Divisão, estrutura e organização do trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Processos de comunicação e relacionamento interno	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conhecimentos dos mecanismos de recrutamento, mobilidade profissional e progressão na carreira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Visão global do processo produtivo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela sua colaboração.

Anexo 2 – Tabelas da análise dos dados totais

Pergunta 1: Sexo

	Nº de alunos	%
Masculino	53	43
Feminino	69	57
Total	122	100

Pergunta 1: Idade (anos)

Média	22
-------	----

Pergunta 3: Nível de ensino superior

	Nº de alunos	%
Mestrado	52	43
Licenciatura	70	57
Total	122	100

Pergunta 4: Universidade frequentada

	Nº de alunos	%
Instituto Superior de Economia e Gestão	57	47
Universidade Lusíada de Lisboa	60	49
Outras	5	4
Total	122	100

(Nota: Outras - IPAM The Marketing School, Universidade Católica Portugal (Lisboa), Escola Superior de Educação São de Deus, Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna)

Pergunta 5: Curso frequentado

	Nº de alunos	%
Arquitetura; Direito; Economia; Gestão	60	49
Comunicação e Multimédia; Finanças; Gestão de Recursos Humanos; Gestão e Estratégia Industrial; Marketing e Publicidade	33	27
Ciências Empresariais; Ciência Política; Contabilidade, Fiscalidade e Finanças Empresariais; Criminologia e Investigação; Educação Pré-Escolar; Engenharia Eletrónica; Estudos Europeus; Estratégia; Gestão de Empresas; Gestão de Desporto; Gestão de Marketing; Gestão de Sistemas de Informação; Gestão Turismo; Marketing; Motricidade Humana; Relações Internacionais	29	24
Total	122	100

Pergunta 6: Agregado Familiar

	Nº de elementos	Nº de alunos	%
[1 : 4]		111	91
[5 : 7]		11	9
Total		122	100

(Nota: 1 – Agregado familiar de: 2, 3, 4 e 5 elementos; 2 – Agregado familiar de: 0, 1, 6 e 7 elementos)

Pergunta 7: Área de residência

Área de residência	Nº de alunos	%
Lisboa	68	56
Outras	54	44
Total	122	100

(Nota: Outras: Alcobaça, Alcochete, Almada, Almerim, Benavente, Cacém, Cadaval, Cacaís, Chamusco, Loures, Moita, Montijo, Oeiras, Vila Franca, Santarém, Setúbal, Sintra, Torres Vedras, Torres Novas)

Pergunta 8: Desloca-se para a universidade de:

	Transportes Públicos	Viatura Própria	Outra	%
Nº de alunos	65	54	12	131
%	50	41	9	100

Pergunta 9: Com que habilitações se candidatou, pela primeira vez, ao ensino superior?

	Nº de alunos	%
12º ano	114	93
12º ano – via profissional	8	7
Curso de ensino técnico-profissional e exame ad-hoc	0	0
Total	122	100

Pergunta 10: O curso a que se refere o inquérito foi a sua 1ª opção?

	Nº de alunos	Percentagem
Sim	90	74
Não	32	26
Total	122	100

Pergunta 11: Quais foram as principais razões que o levaram a ingressar no ensino superior?

	Nada importante	Pouco importante	Muito importante	Não respondeu	Total
Maior possibilidade de encontrar emprego	11,5	9,8	23,0	55,7	100
Maior possibilidade de encontrar emprego bem remunerado	14,8	14,8	23,0	47,5	100
Poder desempenhar a profissão desejada	9,8	21,3	32,0	36,9	100
Progredir na carreira profissional	11,5	25,4	7,4	55,7	100
Contribuir para o seu desenvolvimento intelectual	14,8	10,7	7,4	67,2	100
Gostar de estudar e adquirir mais conhecimentos	12,3	6,6	3,3	77,9	100

Ascender socialmente	4,1	4,1	0	91,8	100
Sempre teve boas notas	0,8	0,8	0,8	97,5	100
Nunca reprovou	4,1	1,6	0,8	93,4	100
A família sempre esperou que fizesse um curso superior	14,8	1,6	0,8	82,8	100
Os amigos também se candidataram ao ensino superior	4,1	0	0	95,9	100
Outas razões	1,6	0,8	0	97,5	100

Pergunta 12: Quais foram as principais razões que o levaram a ingressar neste curso

	Nº de alunos	%
Curso com prestígio	31	9
Estrutura curricular do curso	24	7
Curso essencialmente teórico	4	1
Curso essencialmente pratico	18	5
Curso com várias/boas saídas profissionais	61	18
Curso que permita a aquisição de conhecimentos na sua área de interesse	54	16
Já ter trabalhado em áreas afins	9	3
Curso que permita desempenhar uma profissão que a/o realize pessoalmente	54	16
Curso que permita desempenhar uma profissão útil	30	9
Curso que permita desempenhar uma profissão bem remunerada	22	6
Curso que permita desempenhar uma profissão que lhe deixe tempo livre	4	1
Curso que permita desempenhar uma profissão com prestígio social	2	1
Curso com tradição na família	6	2
Curso que grande parte dos amigos também escolheram	4	1
Curso que permita importa a sua vontade perante a família	3	1
Curso que tinha média suficiente para entrar	4	1
Curso que permite participar no desenvolvimento do país	9	3
Outra razão	3	1

especifico:

Pergunta 13: Frequentou/frequenta alguma formação complementar (ex.: especializações, programas de mobilidade/intercâmbio estudantes), durante o seu curso?

	Nº de alunos	%
Sim	27	22
Não	95	78
Total	122	100

Pergunta 14: Indique se realizou essa formação no país ou no estrangeiro:

	Nº de alunos	%
No país	12	43
No estrangeiro	16	57
Total	28	100

Pergunta 15: Desenvolveu algumas atividades de carácter extra curricular durante o atual curso?

	Nº de alunos	Percentagem
Sim	60	49
Não	62	51
Total	122	100

Pergunta 16: Em que área(s) frequentou/frequenta indicando o seu grau de importância de 1 a 5:

	Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito importante	Não respondeu
Informática	0	0,8	0,8	4,1	3,3	91
Línguas	0	0,8	4,1	3,3	23,8	68
Desporto	0	1,6	6,6	4,1	9,0	79
Artísticas e culturais (dança, música, pintura, etc.)	0	0	1,6	2,5	4,9	91
Participação em associações (de estudantes, locais, recreativas, etc.)	0,8	0	1,6	3,3	5,7	89
Trabalho voluntário	0,8	2,5	2,5	4,9	9,8	80
Trabalho remunerado	0	0	2,5	6,6	7,4	84
Estágio	0,8	0	0,8	0,8	5,7	92
Outras	0,8	0	0,8	0	0,8	98

Pergunta 17: A sua situação atual é?

	Nº de alunos	%
Estudante a tempo inteiro	91	75
Estudante trabalhador (começou a trabalhar quando já estudava)	22	18
Estudante trabalhador (começou a estudar quando já trabalhava)	9	7
Total	122	100

Pergunta 18: Quanto tempo acha que vai decorrer entre a conclusão do curso e a primeira alteração da sua situação de trabalho?

	Nº de alunos	%
1 mês	5	5,5
2 meses	4	4,4
3 meses	14	15,4
4 meses	2	2,2
5 meses	3	3,3
6 meses	17	18,7
8 meses	4	4,4
9 meses	1	1,1

10 meses	2	2,2
12 meses	23	25,3
24 meses	8	8,8
36 meses	2	2,2
48 meses	1	1,1
60 meses	2	2,2
0 meses	3	3,3
Total	91	100
Não respondeu	31	25,4
Média	7,8	
Total final	122	

Pergunta 19: Quanto tempo acha que vai decorrer entre a conclusão do curso e a primeira alteração da sua situação de trabalho?

	Nº de alunos	%
0 meses	2	6,5
1 mês	1	3,2
2 meses	2	6,5
3 meses	1	3,2
4 meses	2	6,5
6 meses	6	19,4
9 meses	2	6,5
12 meses	7	22,6
24 meses	7	22,6
36 meses	1	3,2
Total	31	100
Não respondeu	91	74,6
Total final	122	

Pergunta 20: Essa atividade profissional está relacionada com a área do seu curso?

	Nº de respostas	%
Sim	15	48,4
Não	16	51,6
Total	31	100
Não respondeu	91	74,6

Pergunta 21: Pretende continuar nessa atividade profissional quando terminar o curso?

	Nº de respostas	%
Sim	6	31,6
Não	13	68,4
Total	19	100
Não respondeu	103	84,4

Pergunta 22: Quais as mudanças mais significativas que espera que aconteçam quando terminar o seu curso?

	Nº de alunos	%
Aumento salarial	9	26
Melhoria das condições de trabalho	6	18
Mudança de categoria profissional	4	12
Desempenho de funções mais compatíveis com a formação obtida no curso	7	21
Mudança de emprego	5	15
Nenhuma mudança	3	6
Outra	1	3
Total	34	100

Pergunta 23: Como é que obteve o emprego atual?

	Nº de respostas	%
Através de resposta a anúncio	8	26
Através da colocação de anúncio	0	0
Através de relações pessoais	11	35
Através de relações profissionais	1	3
Através de protocolos existentes entre a universidade e empresas/instituições de trabalho	0	0
Através do Gabinete de Saídas Profissionais da universidade	0	0
Na sequência de um estágio	1	3
Através de candidatura espontânea	7	23
Através da criação do próprio emprego	2	6
Outra	1	3
Total	31	100

Pergunta 24: Qual é a sua situação profissional?

	Nº de respostas	%
Trabalhador por conta própria sem empregados	2	6
Trabalhador por conta própria com empregados	3	10
Trabalhador por conta de outrem	25	81
Trabalhador sem remuneração numa empresa familiar	0	0
Outra situação	1	3
Total	31	100

Pergunta 25: Qual é o seu tipo de contrato de trabalho?

	Nº de respostas	%
Contrato de trabalho sem termo (efetivo)	6	19
Contrato de trabalho com termo (a prazo)	15	48
Contrato de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhante)	6	19
Situações de trabalho pontuais ou ocasionais	3	10
Outra situação	1	3
Total	31	100

Pergunta 26: Qual é o seu regime de trabalho?

	Nº de respostas	%
Tempo completo	11	35
Tempo parcial	20	65
Total	31	100

Pergunta 27: Após a conclusão do seu curso pretende prosseguir com os seus estudos no ensino superior?

	Nº de respostas	%
Sim	76	62
Não	46	38
Total	122	100

Pergunta 28: Qual o tipo de curso que pretende tirar?

	Nº de respostas	Percentagem
Mestrado	56	66
Doutoramento	14	16
Pós-graduação	15	18
Total	85	100

Pergunta 29: Para prosseguir com os estudos no ensino superior, qual a importância que terá cada um dos seguintes aspectos?

	Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito importante	Não respondeu
Aprofundar conhecimentos e competências na sua área científica	0	3,3	5,7	24,6	28,7	37,7
Aumentar as condições de sucesso na futura inserção profissional	1,6	1,6	5,7	17,2	36,1	37,7
Continuar a ser estudante	6,6	15,6	27,0	9,8	3,3	37,7
Desenvolvimento das capacidades pessoais	0,8	1,6	6,6	27,0	26,2	37,7
Era a única alternativa disponível	34,4	12,3	9,8	4,1	1,6	37,7
Formação insuficiente na licenciatura/ mestrado	12,3	7,4	19,7	17,2	5,7	37,7
Influência da família	17,2	12,3	15,6	13,1	4,1	37,7
Influência dos colegas ou amigos	26,2	16,4	16,4	3,3	0	37,7

Influência dos professores	23,8	13,1	16,4	9,0	0	37,7
Por satisfação pessoal	1,6	0,8	2,5	28,7	28,7	37,7

Pergunta 30: Para **não** prosseguir com os estudos no ensino superior, qual a importância que têm cada um dos seguintes aspetos?

	Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito importante	Não respondeu
Falta de recursos económicos	10,7	1,6	6,6	13,1	5,7	62,3
Falta de expectativas de emprego com a posse de um curso de grau superior	5,7	8,2	10,7	7,4	5,7	62,3
Formação suficiente na licenciatura/mestrado para obter um emprego	4,9	4,9	7,4	15,6	4,1	62,3
Estar farto(a) de ser estudante	5,7	4,9	10,7	12,3	4,1	62,3
Falta de apoios (bolsa) na universidade	8,2	4,9	13,1	9,0	2,5	62,3
Desinteresse pelos mestrados/doutoramentos/pós-graduações oferecidos	9,0	7,4	14,8	5,7	0,8	62,3
Influência da família	18,0	7,4	7,4	3,3	1,6	62,3
Influência dos colegas ou amigos	20,5	5,7	8,2	3,3	0	62,3
Influência dos professores	20,5	7,4	7,4	2,5	0	62,3

Pergunta 31: Que medidas pensa adoptar para aumentar as possibilidades de encontrar emprego ou alterar a sua situação profissional?

	Nº de respostas	%
Nenhuma medida	9	2,8
Frequentar cursos de formação	72	22,6
Re-ingressar na escola/faculdade	42	13,2
Realizar estágios	82	25,8
Increver-se no centro de emprego	28	8,8
Ir a feiras de emprego	31	9,7
Candidaturas espontâneas	48	15,1
Outra	6	1,9
Total	318	100

Pergunta 32: Que condições considera necessárias para alterar a sua situação profissional ou aceitar um emprego?

	Nº de resposta	%
Ter uma remuneração que lhe pareça adequada à sua formação/função	79	34,3
Relacionar-se com a sua área de formação	71	30,9
Ter boas condições de trabalho (horário, ..)	51	22,2
Ser compatível com as suas necessidades	26	11,3
Não é necessário nenhuma condição específica	3	1,3
Outra	0	0
Total	230	100

Pergunta 33: Aceitaria um emprego que:

	1	2	3	4
Implicasse a mudança do seu local de residência para outra localidade do país	42,6%	11,5%	32,0%	13,9%
Não tivesse relacionado com a sua formação académica	13,9%	31,1%	40,2%	14,8%
Não possibilitasse a concretização das suas expetativas em termos profissionais	6,6%	31,1%	36,9%	25,4%
Considerasse socialmente desvalorizante	8,2%	21,3%	34,4%	36,1%
Implicasse ter um vínculo de trabalho precário	10,7%	33,6%	40,2%	15,6%
Considerasse que seria subqualificado face à sua formação académica	10,7%	33,6%	39,3%	16,4%
Implicasse a mudança do seu local de residência para o estrangeiro	44,3%	13,1%	28,7%	13,9%
Implicasse trabalhar clandestinamente	8,2%	6,6%	13,1%	72,1%
Implicasse auferir de um salário bruto igual ao salário mínimo nacional	5,7%	22,1%	41,8%	30,3%

(Nota: 1- sim; 2- sim, mas vou continuar à procura de emprego; 3- sim, se não tivesse outra oportunidade; 4- não)

Pergunta 34: Considera que o facto de alguém terminar um curso superior lhe aumenta as possibilidades de encontrar emprego?

	Nº de respostas	Percentagem
Sim	99	81,1
Não	23	18,9
Total	122	100

Pergunta 35: E no seu caso pessoal, acha que vai aumentar as suas possibilidades de encontrar emprego?

	Não vai aumentar nada	Vai aumentar pouco	Vai aumentar	Vai aumentar muito
Nº de respostas	2	26	49	45
Percentagem	1,6	21,3	40,2	36,9

Pergunta 36: Dos seguintes aspetos, diga-nos quais é que se revelam mais importantes para facilitar a passagem para o mundo do trabalho.

	Ausente	Pouco ausente	Indiferente	Presente	Muito presente
Valores, normas e cultura da organização	1,6%	3,3%	9,0%	58,2%	27,9%
Divisão, estrutura e organização do trabalho	1,6%	2,5%	17,2%	54,1%	24,6%
Processos de comunicação e relacionamento interno	0	1,6%	17,2%	50,0%	31,1%
Donhecimentos dos mecanismos de recrutamento, mobilidade profissional e progressão na carreira	2,5%	1,6%	18,9%	50,8%	26,2%
visão global do processo produtivo	0,8%	2,5%	12,3%	51,6%	32,8%